

**PATRONOS DAS CÁTEDRAS ACADÊMICAS:
JOSÉ BARBOSA DE SÁ,
JOAQUIM DA COSTA SIQUEIRA, RICARDO
FRANCO DE ALMEIDA SERRA**

Clóvis de Mello

A academia elegeu como Patronos das Cadeiras n^{os} 1 e 2 os primeiros cronistas cuiabanos, *JOSÉ BARBOSA DE SÁ* e *JOAQUIM DA COSTA SIQUEIRA*. No ano de 1946, o confrade Professor *FRANCISCO ALEXANDRE FERREIRA MENDES*, de saudosa memória, foi encarregado de escrever uma tese sob o título “A Academia e a Cultura”.

No desempenho da missão que lhe foi cometida, o acadêmico *FRANCISCO A. FERREIRA MENDES* elaborou precioso estudo a respeito da vida e obra dos patronos das cátedras acadêmicas. Esse trabalho constitui uma autêntica Antologia Acadêmica, eis que o autor se valeu de excertos de escritos dos ocupantes das respectivas poltronas acadêmicas, como o próprio *FERREIRA MENDES* esclarece:

“Obedecendo pois, à ordem numérica das cadeiras, estudaremos a vida e a obra dos patronos, valendo-nos dos trabalhos dos confrades ocupantes das mesmas no aerópago da cultura mato-grossense, e da bibliografia ao nosso alcance, e começa por JOSÉ BARBOSA DE SÁ, o primeiro cronista cuiabano, patrono da primeira cadeira, cujos ocupantes foram, primeiramente, MANOEL PAIS DE OLIVEIRA, depois, LEÔNIDAS ANTERO DE MATOS, e presentemente, BENJAMIM DUARTE MONTEIRO. É este trabalho uma Antologia Acadêmica, um Florilégio, porque os trechos

escolhidos, que a seguir estampamos, constituem uma coleção de flores colhidas no Jardim do Academus Mato-grossense, cujo variado matiz e beleza de forma, retratam bem a nossa terra e a nossa gente, sempre afeita a engrandecer a Pátria, lutando contra as agruras das épocas, sem nunca esmorecer, tendo por final a fé no futuro promissor, que um dia dealbará para Mato Grosso na sua pujança e na grandiosidade que sonhamos e almejamos."

O excelente estudo do acadêmico FRANCISCO FERREIRA MENDES, foi publicado na Revista Academia Mato-grossense de Letras, ano XIV, 1945, tomos XXVII - XXVIII, número comemorativo do Jubileu de Prata da Casa Barão de Melgaço (1921 - 1946), págs. 17 a 97. O propósito que nos anima é transmitir aos leitores o conhecimento das personalidades que compõem a galeria dos nossos Patronos, bem como facilitar a pesquisa e o estudo da vida e obra dos ilustres membros que têm ocupado as cátedras acadêmicas deste augusto sodalício.

Busca-se despertar maior interesse pela história e literatura mato-grossenses.

Talentos serão despertados e novos valores literários surgirão para maior grandeza de nossa terra e de nossa gente. "*As letras*", afirmou LEÔNIDAS ANTERO DE MATOS, 2º ocupante da Cadeira nº 1, "*constituem o índice das atividades vitais de um povo, e a literatura ainda é o melhor espelho de sua cultura e de sua grandeza.*"

A literatura é a mais alta manifestação do espírito humano: a única que fica quando as civilizações desaparecem! Sem o esmero da Linguagem não pode haver beleza literária!

Mas o culto da língua-pátria não é apanágio apenas de literatos; o cultivo do vernáculo num estilo claro e simples, conciso e preciso, é fundamental no trato de todos os campos do conhecimento humano. Por outro lado, o apreço pelo vernáculo é uma das maneiras mais expressivas do exercício da cidadania e da defesa da nacionalidade. O conhecimento

da vida e da obra dos Patronos das cátedras acadêmicas, bem como dos seus ocupantes, dará à juventude mato-grossense uma visão da própria História de Mato Grosso, apresentando-lhe uma galeria de varões ilustres, cujos exemplos, dignificam a terra que a viu nascer, e servem de estímulo às gerações porvindouras.

CADEIRA Nº 01

Patrono: JOSÉ BARBOSA DE SÁ

O primeiro cronista cuiabano - *JOSÉ BARBOSA DE SÁ*, chegou à nascente Vila logo após sua fundação e exerceu a profissão de advogado. Não há referência ao lugar de seu nascimento. *BARBOSA DE SÁ* registrou em crônicas as sucessivas etapas de crescimento de Cuiabá, desde os seus primórdios até 1775. Suas obras: Os Anais do Senado e da Câmara até o ano de 1765; Relatório sobre as missões hespanholas no Vale do Guaporé (datado de 1745); Relação das Povoações de Cuiabá e Mato Grosso, desde os seus princípios até os presentes (1775); Diálogos geográficos, cronológicos, políticos e naturais escritos nesta Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá - 1769. A Poltrona Acadêmica nº 01 foi ocupada, sucessivamente, por *MANOEL PAES DE OLIVEIRA*, *LEÔNIDAS ANTERO DE MATOS* E *BENJAMIM DUARTE MONTEIRO*.

CADEIRA Nº 02

Patrono: JOAQUIM DA COSTA SIQUEIRA

O segundo cronista cuiabano - *JOAQUIM DA COSTA SIQUEIRA* de ilustre família piratininga, descendente dos Maciéis, veio para Cuiabá aos 23 anos de idade e aqui viveu 58 anos. Nasceu em São Paulo - SP, em 1740 ou 1741 e faleceu em Cuiabá em 1821, aos oitenta anos de idade. Em 1786, com 46 anos de idade, estimado e acatado, exercia as funções de

vereador. Era proprietário abastado, ocupou postos de relevo na administração da capitania. Possuía a mais sortida biblioteca do tempo: os dois armários de livros que pertenceram a *JOSÉ BARBOSA DE SÁ*. Escreveu: “Compêndio Histórico Cronológico de Cuiabá”, organizado por ordem da Rainha Nossa Senhora (D. Maria 1^a). *COSTA SIQUEIRA* retoma os anais de *BARBOSA DE SÁ*, interrompido desde 1765, quando o primeiro cronista e primeiro advogado que foi dos auditórios desta Vila, daqui se retirou *COSTA SIQUEIRA* refez, corrigiu e acrescentou a obra de *BARBOSA DE SÁ*, continuando referido trabalho por 16 anos.

“CHRÔNICAS DO CUIABÁ”

Título sob o qual foi publicado a obra de *JOAQUIM COSTA SIQUEIRA*, é a restauração do manuscrito do autor, encontrado pelo Dr. A. Toledo Piza entre os papéis do Tenente-General José Arouche encontra-se publicada na revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo - Volume IV - 1898-99, págs. 04 a 217, com preciosas anotações do Dr. A. Piza e notas “*in fine*” (págs. 219/242) que reportam umas festas celebradas em Cuiabá, em 1790, em honra do ouvidor Diogo de Toledo Lara Ordonhes (*notas encontradas também, entre os papéis do General Arouche*).

Segundo informa A. de Toledo Piza, na apresentação do trabalho: “*De 1723 em diante a história toma a forma chronológica e vae narrando os factos de ano para ano com grande precisão e clareza. A narrativa foi escrita; por Joaquim da Costa Siqueira, Vereador da câmara de Cuiabá, em virtude de ordem do governo portuguez, datada de 20 de Julho de 1782. Diz o chronista que, para os factos até o ano de 1765, não fez mais do que copiar, com algumas correções, as Chrônicas de Cuiabá de José Barbosa de Sá, e que daquela data em diante descreveu factos por conta própria conforme o conhecimento pessoal que deles tinha*”.

As Crônicas de Cuiabá contemplam os fatos ocorridos desde a origem até o ano de 1781, envolvendo os trabalhos de *JOSÉ BARBOSA DE SÁ* e de *JOAQUIM DA COSTA SIQUEIRA*, os nossos dois primeiros cronistas. A Biblioteca da Casa Barão de Melgaço possui um exemplar da Revista do I.H.G. de São Paulo. Vol. IV, que lhe foi doada pelo acadêmico *PEDRO ROCHA JUCA*, titular da Cadeira nº 22 que tem como Patrono o *VISCONDE DE TAUNAY*. O estudo da ocupação de Mato Grosso, em seus primeiros tempos, passa necessariamente pelas “*Crônicas de Cuiabá*”, cuja reedição há muito vem sendo reclamada.

A Poltrona Acadêmica nº 02 foi fundada por *GERVÁSIO LEITE* e é hoje ocupada por *SATYRO BENEDICTO DE OLIVEIRA*.

CADEIRA Nº 03

Patrono: *RICARDO FRANCO DE ALMEIDA SERRA*

O herói do Forte de Coimbra *RICARDO FRANCO DE ALMEIDA SERRA* -, português, nasceu em 1748 e faleceu a 21 de janeiro 1809. no mesmo Forte, do qual era comandante. Veio para Mato Grosso em 1782, aos 34 anos de idade, fazendo parte da Comissão Demarcadora de Limites entre Mato Grosso e o Grão-Pará, a convite do General Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, 4º Capitão General de Mato Grosso. A serra do Grão-Pará denomina-se, hoje, *RICARDO FRANCO*, nome que lhe deu a Comissão de Limites Brasil-Bolívia.

Estêvão de Mendonça assinala em “*As Datas Matogrossenses*” (Vol. I, pág. 55, 2º ed., 1973, Edit. Rio Bonito, Goiânia-GO): “*profissional distinto, trabalhador e competente, realizou diversas e importantes explorações geográficas, entre elas a do rio Juruena, desde as suas mais remotas nascentes. Também efetivou outros estudos da mesma natureza, relativamente aos rios Jauru, Paraguai e Guaporé, bem como, sobre o planalto Parecis.*”

Encarregado, em 1797, pelo Governador Caetano Pinto de Miranda Montenegro, de reconstruir o Forte de Coimbra, demonstrou a inutilidade do intento, opinando pela edificação integral de outra fortaleza.

Acolhida esta proposição, o capitão-general Caetano Montenegro incumbiu-o da execução da difícil obra, cuja pedra angular da muralha foi assentada a 03 de novembro de 1797. Quando da invasão paraguaia, em 1801, a guarnição encontrava-se alojada nos ranchos da velha paliçada. O recinto murado ainda não se achava concluído, faltando a cortina da tenalha da montanha. Não havia alojamentos, estando tudo a céu aberto.

O feito épico de Ricardo Franco, reagindo intrepidamente ao invasor paraguaio, D. Lázaro de Ribeira, governador de Assunção, ocorreu a 17 de setembro de 1801..

Afrontado por D. Lázaro de Ribeira que lhe exigia a rendição, retruca-lhe Ricardo Franco: “... *a desigualdade de forças sempre foi estímulo que animou os portugueses, por isso mesmo, a não desampararem os seus postos e a defendê-los até as duas extremidades, ou de repelir o inimigo, ou de sepultarem-se debaixo das ruínas dos fortes que se lhes confiaram...*” A força fluvial espanhola trazia a bordo cerca de 800 homens; Ricardo Franco dispunha de 110 homens.

Frustou-se a tentativa de tomada do Forte de Coimbra, heroicamente defendido pela guarnição, e os espanhóis retornaram derrotados a Assunção.

Pela sua bravura, Ricardo Franco foi promovido a Coronel e agraciado com o hábito de São Bento de Aviz.

Militar e estrategista de valor, dedicou-se ao estudo da situação geográfica da Capitania e, tendo vivido mais de 20 anos em Mato Grosso, o Cel. do Real Corpo de Engenheiro Ricardo Franco de Almeida Serra, produziu numerosos trabalhos, publicados na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da qual possui a Biblioteca do Instituto, uma das mais completas coleções. Entre tais trabalhos destacam-se: “*Extrato*

da Descrição da Província de Mato Grosso”, *Reflexões sobre a Província de Mato Grosso*”, *Memórias sobre os Índios Guaicurús*”, *Navegação do Tapajós para o Pará*”, *Diário da Diligência do Reconhecimento do rio Paraguai*” (Cuiabá, 1905, I Vol., 53 págs).

Falecido no Forte de Coimbra, os restos mortais de Ricardo Franco de Almeida Serra foram transportados em canoa para Vila Bela, então Capital da Província, onde chegaram em 24.08.1810, sendo sepultado na Capela de Santo Antônio dos Militares, e sobre seu túmulo foram gravadas as seguintes inscrições: *“R.F.A.S. - Cel. do R.C. de E. Que gloriosamente defendeu Coimbra - Em 1801 - E no mesmo lugar faleceu - Em 21 de janeiro de 1809 - Aqui jaz sepultado”*.

Do historiador Carlos Francisco Moura, em sua monografia *“O Forte de Coimbra”*, Edições UFMT, Cuiabá, 1975, págs. 67/69, transcrevemos os excertos que se seguem: *“O Forte de Coimbra”*, Monumento Nacional - Duas relíquias dos tempos heróicos: - a Imagem da Padroeira e os restos mortais de Ricardo Franco - Necessidade de tombar o Forte. Na história das fortificações do Brasil, não cremos que possa existir uma outra de passado tão brilhante como o Forte de Coimbra; através do tempo, no período de Colônia, como nos tempos do Império, ele foi sempre uma brilhante afirmativa do que valem como Nacionalidade (Antônio Leôncio Pereira Ferraz, Memória Sobre as Fortificações de Mato Grosso, 1927, p. 536).

Recolhidas no velho forte encontram-se duas relíquias de seus tempos heróicos: a histórica imagem de sua padroeira, Nossa Senhora do Carmo, e os restos mortais de Ricardo Franco.

A imagem é a mesma que ele adquiriu em 1798 em Cuiabá. Afirma o ilustre General Silveira de Melo, que foi graças à proteção da Virgem do Carmo que a guarnição de Coimbra escapou ilesa, sem nenhum morto nem ferido nos dois grandes cercos de 1808 e 1864.

Com o abandono do forte a imagem foi levada para Cuiabá, em cuja catedral permaneceu de 1865 a 1874, quando voltou novamente a Coimbra. Ali sofreu as vicissitudes pelas quais passou o velho baluarte.

Tendo-se dado outra utilização à capela, foi recolhido por mãos devotas a uma tosca choupana da aldeia próxima. Em 1953, graças a uma doação oferecida pelo General Silveira de Melo, a capela do forte foi reconstruída e a imagem a ela recolhida. Também ao General Silveira de Melo deve-se a descoberta e o retorno dos restos mortais de Ricardo Franco ao Forte que construíra e defendera.

Ele falecera em Coimbra em 1809 e fora enterrado na capela. Em 1811, porém, por ordem do Governador João Carlos Augusto, seus restos mortais foram trasladados para a igreja do Santo Antônio dos Militares de Vila Bela.

Com a mudança da capital para Cuiabá, Vila Bela entrou em decadência e a igreja, abandonada, foi ruindo aos poucos.

As buscas realizadas entre 1925 e 1945 em seus escombros para localizar o túmulo do herói, resultaram infrutíferas. Em 1950, entretanto, o General Silveira de Melo conseguiu localizá-lo e recolheu fragmentos de ossos do ilustre militar e restos de seu fardamento - galões, charlateiras, botões dourados etc. Esses despojos foram entregues ao Q.G. de Campo Grande onde ficaram depositados numa urna aguardando oportunidade de transferência para Coimbra. Esta surgiu em 1953, com a reconstrução da capela do forte.

Por se ter coberto de glória na defesa da fronteira no período da Colônia e do Império, o Forte de Coimbra merece ser conservado como padrão histórico. Tendo resistido aos guaicurus, aos hespanhóis e aos paraguaios, não pode agora sucumbir ao abandono e ao desamor por nossa história. Por esse motivo a UFMT, dentro do programa de Inventário do Patrimônio Histórico e Artístico Mato-grossense do DEPES, requereu ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional o seu tombamento como Monumento Nacional.”

A Poltrona Acadêmica número 03, atualmente vaga, foi fundada por Miguel Carmo de Oliveira Melo, tendo como sucessor Lécio Gomes de Souza.